

## 4

### Pedro de Alcântara, o Egito e a Egiptologia

O viajante considera a pátria como um amigo doente; parte mundo fora em busca de um remédio para o seus males.

Leopold Berchtold (1789)

#### 4.1

#### **“Não podem representar a si mesmos; devem ser representados”<sup>1</sup>: A abordagem do Oriente pelo Ocidente.**

Seria talvez desonesto, decerto seria desproporcionado, o juntar aos nomes dos homens fortes, que nestes últimos dois mil anos se tem arremessado sobre Alexandria e a têm deixado em ruínas, - aos nomes de Caracará, o pagão, de Cerebelo, o santo, de Diocleciano, o perseguidor, e de Ben-Amon, o sanguinário, - o nome do senhor Sr. Willian Gladstone, o humanitário, o paladino das nacionalidades tiranizadas, o apóstolo da democracia cristã. Mas se por um lado, evidentemente, a política do Sr. Gladstone não é um produto de pura ferocidade pessoal, como a de Caracala, que fez arrasar Alexandria, porque um poeta dessa cidade finalmente dado às letras o molestara em um epigrama - por outro lado esta brusca agressão dum frota de doze couraçados, cidadelas de ferro flutuando sobre as águas, contra as decrépitas fortificações de Mehemet-Ali, esse bombardeamento dum cidade egípcia, estando a Inglaterra em paz com o Egito, parece- -me singularmente com a política primitiva do califa Omar ou dos imperadores persas, que consistia nisto: - ser forte, cair sobre o fraco, destruir vidas e empolgar fazendas. Donde se vê que a isso a que se chama aqui a política imperial da Inglaterra, ou os interesses da Inglaterra no Oriente, pode levar um ministro cristão a repetir os crimes de um pirata muçulmano, o Sr. Gladstone, que é quase um santo, a comportar-se pouco mais ou menos como Aben-Amon, que era inteiramente um monstro. Antes não ser ministro da Inglaterra!

Eça de Queiroz - **Cartas de Inglaterra**

Referindo-se a epígrafe que introduz o capítulo, poderíamos dizer que tal citação se aplica perfeitamente às viagens realizadas por Pedro de Alcântara aos grandes centros difusores do progresso para o mundo. O mesmo não pode ser dito, no entanto, das suas incursões pelo Egito. O Egito, que durante três mil anos foi o senhor do mundo antigo, se encontrava mergulhado no caos da disputa colonial, que culminara na sua subjugação definitiva pela Inglaterra. O Egito do século XIX, cuja reminiscência da glória passada só podia ser vista nos resquícios dos monumentos

---

<sup>1</sup> Frase de Karl Marx em “O dezoito Brumário de Luís Bonaparte”, apud. SAID, E., *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 33.

antigos, se configurava aos olhos dos povos “civilizados” como um dos mais importantes exemplares da “barbárie” oriental. No Brasil dos oitocentos, ainda que o progresso científico e tecnológico - símbolo civilizacional máximo - muito tardasse para se equiparar aos países vanguardistas, possuía inegavelmente grandes traços culturais, como a religiosidade cristã e a herança colonial européia, que o identificava com a tradição histórica e cultural das nações que compunham o chamado mundo ocidental. Sendo assim, Pedro de Alcântara assume a postura de uma autoridade intelectual nos moldes europeus em relação à compreensão da história do país em questão. Antes de prosseguir, falarei resumidamente do contexto de surgimento da Egiptologia, e de como realizarei sua abordagem no campo teórico. Em seguida, tratarei de Pedro de Alcântara e das duas viagens que realizou ao Egito.

A curiosidade e a tentativa de encontrar meios para representar o *outro*, no caso das sociedades ocidentais, sempre estiveram associadas à experiências históricas de encontros entre povos europeus e povos africanos, asiáticos, e posteriormente americanos. Com a descoberta da América e a intensificação das relações comerciais decorrentes do expansionismo colonial europeu dos séculos XVI e XVII, os agentes coloniais entraram em contato com uma enorme pluralidade e diversidade de culturas. Seus relatos e notícias que chegaram à Europa incitando a imaginação de seus conterrâneos, despertando, nos homens de letras europeus, a necessidade de reflexão sobre a natureza “destas novas humanidades”. O estabelecimento de critérios capazes de traçar um perfil para os demais povos do mundo refletia diretamente a relação de dominação imposta pelo *Ocidente*, o que colocava as sociedades subjugadas sempre em uma posição de inferioridade. Neste contexto, o *outro*, primeiramente, foi caracterizado por todo aquele que não professasse a fé cristã e/ou que não possuísse a pele branca. Não importava se tratava de um negro africano, de um índio americano, ou de um muçulmano árabe, todos, independente das peculiaridades de seus costumes e tradições, perante o olhar europeu eram diferentes, inferiores e não-civilizados, portanto, *bárbaros* ou *selvagens*.

No texto *Sociedade e Cultura: comparação e confronto*, Ciro Flamarion Cardoso ao traçar a trajetória conceitual dos termos sociedade e cultura, cita José R. Llobera, cujo cerne do trabalho está voltado para a análise do contexto de formação da disciplina Antropologia, que se funda no estabelecimento de parâmetros que pudessem delimitar seguramente as fronteiras do “ser” ou “não ser ocidental”: “(...) o surgimento [da Antropologia] é residual e consiste no estudo do homem que não seja ocidental, branco e civilizado, em outras palavras, no estudo de um ser não plenamente humano, inferior. Uma vez constituída a categoria de ‘primitivo’, podia facilmente ser tratado como um objeto e submetido a um escrutínio sistemático. Este tipo de exame detalhado, que a Antropologia propunha como a quintessência de seu método, era totalmente inaceitável aplicá-lo a um contexto europeu, pelo menos no século XIX e no início do século XX”<sup>2</sup>.

Entretanto, o *Oriente* parece ter sido, segundo o autor Edward Said, o campo mais profícuo para a produção de imagens e idéias do *outro* recorrentes no imaginário europeu: “A América nascente e os selvagens me tentavam, mas outras idéias me fizeram decidir pela Ásia; Síria, sobretudo, e o Egito, me pareceram um campo próprio às observações políticas e morais das quais queria me ocupar”<sup>3</sup>. A construção de um imaginário sobre o *Oriente*, mesmo não sendo recente, não foi apenas uma “fantasia avoadada da Europa”, e muito menos se constituiu como uma forma de conhecimento desinteressada sobre a história e a cultura de povos africanos e asiáticos. A importância destes discursos, portanto, não deve ser reduzida a uma “mera coleção de mentiras”<sup>4</sup>, dignas de pouca relevância e desprovidas de uma realidade correspondente. Todo o tipo de produção cultural do XIX sobre o *Oriente*, realizada por cientistas ou artistas envolvidos no processo de conhecimento sobre o *outro*, se encontrava profundamente permeada pelas relações de dominação do *Ocidente* sobre o *Oriente*. Edward Said sustenta também em sua tese que a representação européia dos povos orientais foi fundamental para a

---

<sup>2</sup> LLOBERA, J. R., apud Ciro Flamarion Cardoso, *Sociedade e Cultura: comparação e confronto*. (Mimeografia)

<sup>3</sup> Frase do Conde de Volney citada em sua obra “Voyage en Syrie et en Égypte”, apud VERCOUTTER, J., *Em busca do Egito esquecido*, p. 38.

<sup>4</sup> SAID, *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 18.

própria constituição e definição da identidade ocidental, ajudando-o a se definir “como sua imagem, idéia, e experiência de contraste”<sup>5</sup>.

A formação e a consolidação de uma “geografia imaginativa” do *Oriente* – da visão homogênea do *Oriente* enquanto unidade cultural e geográfica – deve ser pensada, então, como um processo social que levou alguns séculos para se elaborado e finalizado. Contudo, foi somente a partir de meados do século XVIII que todo um corpo de conhecimento sistemático foi sendo produzido e aprimorado na Europa, intensificando e limitando o campo de representações sobre o significado do “ser oriental”. Calcados em ideais cultivadas no século XVIII pelos filósofos esclarecidos, os intelectuais do século XIX buscaram na ciência meios mais precisos e seguros de decodificação do *outro*.

No trabalho monográfico conclusivo da minha graduação,<sup>6</sup> defendi a questão de que a emergência da Egiptologia no século XIX pode ser considerada como um saber que se inseriu de forma coerente no projeto imperialista conduzido pelas grandes potências da Europa. Para tanto, tomei como eixo teórico o conceito de *orientalismo* desenvolvido pelo autor Edward Said<sup>7</sup>, em dois de seus livros, o *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente* e *Cultura e Imperialismo*. Será, portanto, a partir deste enfoque epistemológico que abordarei a Egiptologia na presente dissertação.

Segundo Said, as potências imperialistas, principalmente a Inglaterra e a França, durante o processo de expansão de seus domínios coloniais pelos continentes africano e asiático, iniciado em idos do século XVIII e estendido até as duas grandes guerras do século XX, produziram representações culturais e históricas de suas possessões ultramarinas, incorporando-as à cosmovisão europeia. Isto significa que intelectuais europeus que participaram da experiência histórica do colonialismo, produziram um tipo de *saber* expresso por meio de **representações**, idéias e imagens sobre as colônias africanas e asiáticas que, no entender de seus idealizadores, deveriam ser capazes de desvendar, explicar e

---

<sup>5</sup> SAID, *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 13.

<sup>6</sup> CAMARA, G. M., *Narrar e Dominar: Algumas representações do Antigo Egito realizadas pela França e pela Inglaterra na primeira metade do século XIX*. 2002.

<sup>7</sup> SAID., loc. cit.

revelar ao público europeu a “real natureza” das sociedades coloniais. Este bloco de países, subordinados a satisfazer os interesses de suas metrópoles, passou a ser genericamente conhecido e chamado de *Oriente*.

Durante muito tempo a historiografia convencionou chamar *imperium* - como apontou Said em “Cultura e Imperialismo” ao citar Richard Van Alstyne - a idéia de um “(...) domínio, Estado ou soberania que se expandiria em população e território, e aumentaria em força e poder”<sup>8</sup>, entendendo as palavras “força” e “poder” como consolidação sistemática das formas política, econômica e militar de uma determinada potência hegemônica no território do país dominado. Desta maneira, durante muitos anos, os historiadores se voltaram para o estudo dos aspectos do imperialismo citados acima, negligenciando uma faceta quase vital de seu processo, que foi a produção de *saberes* difundidos na cultura européia via potentes narrativas, valores e formas de conhecimento que versavam sobre aspectos da história e vida social dos povos colonizados.

Essas formas de conhecimento sobre o *Oriente*, difundidas no e pelo *Ocidente* estiveram calcadas em estudos e interpretações artísticas ou científicas (análises históricas, sociológicas, antropológicas e filológicas, com alusão a certos tipos de representações épicas, políticas, etnográficas e literárias há muito consagradas), que longe de serem encaradas como discursos apolíticos, etéreos e desinteressados, devem ser entendidas como narrativas que contribuíram para a formação de valores que afirmavam e reafirmavam uma indiscutível “superioridade européia” perante os demais povos do mundo. Esta superioridade não se revelava somente no âmbito de sua vanguarda cultural, artística, científica e tecnológica, mas, também, no âmbito moral e racial, uma vez que, neste quadro, o homem europeu dos séculos XVIII, XIX e início do XX deveria ser entendido como aquele dotado de um caráter mais apurado e de valores morais mais bem modelados. De modo coerente com essa visão, cabia ao europeu o dever missionário de expandir seus valores e conduzir as demais nações do mundo rumo ao esclarecimento.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> SAID., *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente e Cultura e Imperialismo*, p.39.

<sup>9</sup> Segundo a perspectiva de TODOROV, T., *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*.

Conclui-se que o ato de colonizar, tal como fora praticado pela França e Inglaterra durante o período colonial, não se restringiu apenas à organização de instituições e mecanismos de intervenção direta nos países colonizados - tal como a ocupação permanente de militares, a elaboração de planos e leis econômicas monopolistas, e as decisões políticas unilaterais -, mas, sobretudo, pela construção de um *saber* que diz respeito à capacidade do *Ocidente* de definir os caracteres que constituíam a verdadeira essência do *Oriente*, como forma de *poder* e autoridade sobre o mesmo, justificando e legitimando ideologicamente a colonização. Napoleão em sua expedição ao Egito encontrava-se munido não apenas de soldados, espingardas e canhões, mas também de um grupo composto de 167 intelectuais (dentre eles naturalistas, botânicos, cartógrafos, engenheiros, astrônomos, geólogos, filólogos, arqueólogos, desenhistas e historiadores), que tinham não só como dever trazer à luz esta civilização, até então, nas “sombras” da história, mas também deviam buscar um entendimento sobre a importância do *locus* do povo egípcio na construção da história da humanidade. Segundo Said,

Vivemos, evidentemente, num mundo não só de mercadorias, mas também de representações, e as representações - sua produção, circulação, história e interpretação - constituem o próprio elemento da cultura. Em muito da teoria recente, o problema da representação está fadado a ocupar um lugar central, mas raramente é situado em seu pleno contexto político, basicamente imperial. Em vez disso, temos de um lado uma esfera cultural isolada, tida como livre e incondicionalmente disponível para etárias investigações e especulações teóricas, e de outro lado uma esfera política degradada, onde se supõe ocorrer a verdadeira luta entre interesses. Para o estudioso profissional da cultura - o humanista, o crítico, o acadêmico -, apenas uma esfera lhe diz respeito, e, ainda mais, se aceita que as duas esferas são separadas, ao passo que as duas não apenas estão relacionadas, como, em última análise, são a mesma.<sup>10</sup>

Resumindo, pode-se dizer que a nomenclatura conceitual *Oriente*, bem como todo o conjunto de idéias e imagens expressas por esse termo, foi uma denominação atribuída pelos países europeus a povos africanos e asiáticos conquistados e dominados por eles, já que inexistia uma fronteira geográfica que delimitasse e apontasse concretamente um espaço reservado a algo entendido por *Ocidente* e outro por *Oriente*. Concomitantemente ao progressivo incremento das atividades comerciais

---

<sup>10</sup> SAID, E., *Cultura e Imperialismo*.

entre Europa e África/Ásia e conseqüente expansão e consolidação do colonialismo europeu, ocorreu uma intensificação da prática européia de construção de conhecimentos sobre o *Oriente* - o que a partir de agora será chamado de *orientalismo* - empreendimento que, segundo o autor Edward Said, se institucionaliza a partir de fins do século XVIII e início do século XIX. O *orientalismo* (como instituição organizada) surge como maneira de se negociar com o *Oriente* “(...) fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o e governando-o: em resumo, o orientalismo surge como estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente”<sup>11</sup>. Assim, qualquer tipo de representação no campo da cultura e ciência não podem ser compreendidas se descolada das instituições sócio-econômicas e políticas do poder.

O período de imenso avanço das instituições e do conteúdo do orientalismo coincidiu exatamente com o período de inigualável expansão da Europa; de 1815 a 1914, o domínio colonial direto Europeu cresceu cerca de 35% para cerca de 85% de toda a superfície da terra. Todos os continentes foram afetados, nenhum mais que a África e a Ásia. Os dois maiores impérios eram o britânico e o francês; aliados e sócios em algumas coisas, em outras eram rivais hostis. (...) O que eles compartilharam, entretanto, não foi apenas as terras ou os lucros, ou o domínio; foi o tipo de poder intelectual que venho chamando de orientalismo<sup>12</sup>.

Assim, segundo a concepção de Said, o *orientalismo* pode ser compreendido como o termo genérico usando para descrever a abordagem ocidental do oriental; é a disciplina por meio da qual o Oriente é abordado sistematicamente, como um tema de erudição, de descobertas e de práticas. Mas, além disso, é a palavra usada para designar “(...) aquela coleção de sonhos, imagens e vocabulários disponíveis para qualquer um que tenha tentado falar sobre o que está ao Leste da linha divisória”<sup>13</sup>. Sendo assim, o *orientalismo* não pode ser tomado como uma doutrina positiva, mas como um conjunto de coações e limitações ao pensamento que influenciaram tanto os indivíduos que eram chamados de orientais como os chamados de ocidentais ou europeus. Portanto, segundo o autor, o *orientalismo*

<sup>11</sup> SAID., *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente e Cultura e Imperialismo*, p.15.

<sup>12</sup> Ibid., p. 51-52.

<sup>13</sup> Ibid., p. 82.

tornou-se um instrumento mais coercitivo do que qualquer doutrina isolada, pois na verdade teve o poder de submeter todas: ao Imperialismo, ao Positivismo, ao Historicismo, ao Darwinismo, ao Racialismo<sup>14</sup>. Desse modo, ao tomar a Egíptologia como um saber orientalista, a mesma questão se coloca: não estaria este saber igualmente subordinado a doutrinas e valores semelhantes?

Pode-se dizer que, o estudo do Egito Antigo não fugiu de tal propósito, e essa sociedade antiga foi de muitas formas narrada pelo *Ocidente*. Diante da “grandiosidade da Civilização do Egito Antigo”, representado por seus monumentos, e da evidência de um tipo de conhecimento técnico e científico que para os parâmetros evolucionistas europeus eram considerados inexplicáveis (até a construção da Torre Eiffel a pirâmide de Queóps era a estrutura construída pelo homem mais alta do mundo), fazia-se necessário a construção de uma narrativa que atribuísse um lugar justo para esta sociedade na “História da Humanidade”. Para colocar em prática tal ideologia, os intelectuais europeus procuraram construir uma genealogia histórica ocidental que privilegiasse somente experiências históricas notáveis, de modo a constituir de forma coerente o destaque da Europa perante os demais países do mundo. Não fugindo à regra, o Egito deveria ocupar um lugar no passado da humanidade que correspondesse e se adequasse às concepções de mundo européias do século em questão. Sendo assim, um dos dilemas a ser respondido pela Egíptologia é o de como o continente africano, um dos maiores focos do Imperialismo, poderia ter sediado uma “civilização tão grandiosa” como se mostrava por meios dos resquícios remanescentes de sua existência? A partir de então inúmeras interpretações surgiram sobre o papel e a importância da história egípcia dentro da história da humanidade.

Reverenciemos os egípcios pelas coisas que nos legaram, mas não se pode comparar a Civilização Egípcia à Grega ou à Romana, pois os egípcios estariam muito mais próximos à África do que à Europa.<sup>15</sup>

Vejamos agora uma outra interpretação bem parecida com esta. Só que realizada por Pedro de Alcântara:

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 52 -53.

<sup>15</sup> Frase do egiptólogo francês Gaston Maspero, apud. ROMER, J., *O Vale dos Reis*. p. 183.



Cheguei aqui ontem à noite. As ruínas grandiosas de Karhah (?)<sup>16</sup>, o bello templo de Abou-Simbel, com o seu colosso sentado, de vinte metros de altura e uma physionomia transparente de admirável docura, e tudo mais que vi nas margens do Nilo Majestoso, não me fizeram mudar de opinião sobre a Grécia inigualável. Em vão tento afastar a lembrança da Acrópole para melhor julgar a beleza especial destes monumentos.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> E desta forma que a palavra encontra-se transcrita no livro, porém creio que o termo correto ao qual Pedro de Alcântara se referiu seja Karnak - importante e monumental templo do Antigo Egito.

<sup>17</sup> READERS, George. *D. Pedro II e o conde de Gobineau*, Carta de 27/09/1879.

## 4.2

### **Soldados, do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam: Pedro de Alcântara no Egito, o Egito nos oitocentos, e os oitocentos da Egiptologia.**

Não posso, por ora, senão comunicar-vos, rapidamente, minhas impressões da viagem a estes dois países [Palestina e Egito], tão intimamente ligados na remota Antigüidade, acrescentando apenas que encontrei em monumentos de épocas realmente egípcia, colunas que poderia chamar de dóricas, algumas das quais bastante elegantes. Encontram-se também nos baixos relevos figuras deliciosas; creio que os artistas faraônicos teriam feito cousa muito melhor se não tivessem sido obrigados a submeter-se a certas regras de forma e proporções em todos os seus trabalhos.

Pedro de Alcântara em uma de suas cartas ao Conde de Goubinou.

O fascínio exercido pelo Egito Antigo sempre esteve presente na imaginação do Ocidente, seja pelas glórias pagãs e/ou rituais religiosos realizados por seu povo e por seus faraós, ou pelo fato destas terras terem sediado importantes acontecimentos relatados no Antigo Testamento como parte da história judaico-cristã. Suas primeiras representações datam da Antigüidade Clássica, quando historiadores e viajantes, gregos e romanos, através de visitas às terras do Egito, relataram o que viram, escutaram e deduziram. Heródoto, Plutarco, Diodoro da Sicília, Estrabão, Cícero, dentre outros, viajaram pelas terras nilóticas narrando a “grandiosidade de seus monumentos”, “modos extravagantes de vida”, “o mistério de seus cultos”, e suas “experiências militares notáveis”. Entretanto, para Heródoto, os primórdios da sociedade do Egito eram quase tão antigos quanto o historiador grego nos é hoje. O Egito na época do “Pai da História” já havia sofrido 400 anos de invasões e crises políticas internas, fundindo-se assim a outras culturas e a outros modos de vida social. Portanto, a historiografia atual não deve tomar seus relatos como fonte histórica para o estudo da dinâmica sócio-cultural deste povo que surgiu e prosperou nas margens do Nilo. Trata-se da visão de um grego, que descrevia os aspectos de uma sociedade que não mais se configurava como aquela que as pirâmides testemunharam. Da mesma maneira deve-se proceder com os relatos antigos posteriores aos de Heródoto, que abordam o Egito mais

enfaticamente apenas até o século I d.C.. A memória do Egito Antigo na Idade Média ocidental se fez presente nas histórias bíblicas do Antigo Testamento e nas histórias de cruzados e peregrinos que a visitaram, porém suas preocupações recaíam sobre o valor religioso do país como uma escala de peregrinação a lugares santos cristãos. Durante e pouco após o Renascimento e no decorrer de todo o século XVIII, o Egito recebeu alguns viajantes europeus que produziram narrativas e conseguiram levar à Europa algumas relíquias roubadas, que incrementaram as coleções de ricos antiquários. Apesar do Egito se tornar cada vez mais popular, até fins do XVIII as notícias levadas por viajantes repercutiam somente em seus respectivos países, e a onda da *egiptomania* ainda não havia tomado a Europa como um todo<sup>18</sup>.

Contudo, somente o ano de 1798 passou a ser representado como o grande marco da Egiptologia moderna: o Egito antigo é “Redescoberto”. Napoleão Bonaparte invade o Egito e conseqüentemente se depara com um tesouro histórico há muito esquecido. Inicia-se, assim, um período de estudos sistemáticos em torno desta “misteriosa civilização” emudecida pelo tempo e pelas areias do deserto. Munidos de um método científico para realizarem suas pesquisas, os estudiosos do século XIX produziram um vasto conhecimento sobre o que chamaram de “Civilização do Egito Antigo”. Esta vasta produção de um saber sobre a antiga sociedade egípcia tornou-se possível por meio do recolhimento de resquícios arqueológicos realizados por expedições compostas de cientistas e artistas dos mais variados gêneros, ou por caçadores de tesouros que enriqueciam vendendo suas “mercadorias” para grandes centros de pesquisas europeus. Sendo assim, a existência de um povo que habitou as terras do Egito há milhares de anos atrás se tornou pública na Europa no início do século XIX, ainda que sua história permanecesse obscura em função do desconhecimento de sua escrita. A sensação que o Egito provocou no meio acadêmico europeu gerou uma corrida frenética pela decifração da escrita hieroglífica, e em 1822, um jovem chamado Jean-François Champollion comunicou à França e ao resto da Europa a tradução da língua antiga.

---

<sup>18</sup> Conferir: FAGAN B. M., *The rape of the Nile - Tomb Robbers, Tourists, and Archaeologists in Egypt*; ROMER, J., *O Vale dos Reis.*; WORTHAM D. J., *British Egyptology 1549 – 1906.*

A Egptologia que até então engatinhava, se difunde e ganha *status* de ciência tornando-se, então, um novo saber a ser inserido no vasto campo do conhecimento humano. A partir do momento em que o estudo do Egito passou a ter um caráter científico, os discursos que versavam sobre os hábitos, costumes, religiosidade e política praticados pelos antigos egípcios ganharam legitimidade e autoridade quase incontestáveis. Lançando mão do aparato conceitual defendido na primeira seção do capítulo, podemos dizer que a Egptologia não pode ser encarada apenas como mais uma especialização acadêmica que surgiu em um período em que o estudo das humanidades ganhou progressivamente estatuto de ciência e no qual a ânsia por classificar o conhecimento fazia parte do espírito do homem europeu. Também, não deve ser romanticamente entendida como uma disciplina descomprometida, alavancada e constituída, enquanto tal, por aventureiros sedentos pela descoberta de riquezas faraônicas, ou por eruditos aristocratas e burgueses ascendentes, que faziam do estudo do Egito Antigo um motivo de lazer e deleite, relatando histórias maravilhosas sobre uma época remota marcada por conquistas, riquezas e mistérios.

A célebre frase que dá nome a este capítulo foi entoada pelo General dos Exércitos da França, Napoleão Bonaparte, durante a “Batalha das Pirâmides” (21 de julho de 1798) na qual o Exército do Oriente enfrentou no Egito a força de resistência à dominação representada por mamelucos e turcos divididos em facções rivais, concluindo assim mais uma das etapas que compunham o plano de invasão ao Oriente. Napoleão almejava alcançar a Índia, onde pretendia contar com a aliança de alguns príncipes indianos desejosos da expulsão definitiva dos ingleses de seu país. O Exército do Oriente saiu de Toulon em 19 de maio de 1798, com uma esquadra composta por 328 navios e uma força expedicionária de 38.000 homens dispostos a invadir e a conquistar o Egito. Entretanto, parte dos planos expansionistas de Napoleão foram frustrados quando a esquadra britânica comandada pelo Almirante Nelson destroçou a esquadra francesa ao largo de Alexandria, na “Batalha do Nilo” (1 de agosto de 1798), isolando os contatos de Napoleão com o continente europeu. O General da *Armée d’Egypte*, então, encurralado no país, não teve outra saída senão consolidar, de vez, o seu domínio no

Egito. Sendo assim, o exército francês se estabeleceu no Cairo e Napoleão buscou tornar sua força expedicionária o mais auto-suficiente possível.

A conquista do Egito não significava, apenas, para Napoleão a necessidade de se impor à Inglaterra mostrando a capacidade do poderio de sua nação. A investida do General foi também motivada pela vontade de revelar à Europa uma faceta da “História da Humanidade” que durante muitos séculos ficará quase totalmente esquecida, salvo os relatos de alguns viajantes solitários. Sendo assim, Napoleão incorporou ao seu exército um grupo composto por 167 intelectuais, dentre eles alguns dos melhores cientistas e artistas da França, cuidadosamente selecionados pelo próprio General e apelidados pelos militares de *asnos*. Os *savants* napoleônicos partiram para o Egito a bordo de uma nau capitânia chamada *Orient*, com o objetivo de desempenhar não somente algumas funções militares, mas principalmente revelar a importância da história do Egito no incremento da produção de conhecimentos para a vida intelectual européia.

The chief recruiter of the savants was Claude-Louis Berthollet, a physician and chemist, who succeeded in assembling a remarkable group of talented men around him. Jean-Michel de Venture was distinguished Orientalist, Etienne Geoffrey Saint-Hilaire a zoologist and lifelong friend of the celebrated paleontologist Jacques Cuvier. Saint-Hilaire's ideas foreshadowed some of Darwin's evolutionary theories. Gaspard Monge, mathematician and chemist, was a fervent republican and a steel and gunpowder expert; his most recent appointment had been to a different body, a 'Government Commission for the Research of the Artistic and Scientific Objects in Conquered Countries.' This Commission had followed in the wake of Bonaparte's armies in Italy and examined art collections, museums, and libraries, deciding which objects were to be ceded to the French Republic under the terms of peace treaties. One has only to tour the Louvre to see how efficient the Commission was - the expropriated works include the Mona Lisa. Monge was obviously a highly qualified recruit for the Commission<sup>19</sup>.

Os *savants* cumpriram o seu papel neste contexto de pretensa consolidação do domínio imperial francês, organizando e fundando no Cairo o *Institut National d'Egypte*, cujo papel se definiu por “orientar o Egito em direção à cultura e civilização européias”<sup>20</sup>. O *Institut* teve por sede a residência de um dos mamelucos depostos, e fora sustentado pelas dezenas de intelectuais oriundos da

<sup>19</sup> FAGAN, *The rape of the Nile - Tomb Robbers, Tourists, and Archaeologists in Egypt*, p. 67.

<sup>20</sup> ROMER, J., *O Vale dos Reis*, p. 45.

França, que compunham a denominada *Comissão de Artes e Ciências*. Mal se estabeleceram no Cairo, os sábios da Comissão começaram um trabalho sistemático de descrição, classificação e catalogação de todos os aspectos que compunham o país, mapeando tanto sua fauna, flora e geografia quanto a vida social de seus habitantes (costumes, tradições, religiões), os monumentos e a história dos diferentes povos que habitaram as margens do Nilo. A Comissão não se deteve em trabalhar somente nas grandes cidades do Egito, como Cairo e Alexandria, e tomou como campo de pesquisa tanto as áreas urbanas como as cultivadas do Baixo e Alto Egito<sup>21</sup>, que também não escaparam ao olhar atento e criterioso de seus mais peculiares conquistadores: “(...) o gênio irrequieto e ambicioso dos europeus (...) impacientes para empregar os novos instrumentos de seu poderio (...)”.<sup>22</sup>

Quando Napoleão invadiu o Egito, o país estava sendo palco de disputas internas pelo seu domínio desencadeadas por turcos à serviço do sultão Otomano contra mamelucos<sup>23</sup> chefiados por alguns aristocratas que controlavam na prática o país, e que há tempos vinham impondo altas taxas e impostos a população caiota. Esta onda de rivalidade foi extremamente positiva para os planos do general francês que, se aproveitado da instabilidade gerada pelos conflitos, colocou-se na posição de amigo do Islã e do Império Otomano.<sup>24</sup>

Ao aportar em Alexandria, no dia 2 de julho de 1798, Napoleão discursou para o povo egípcio com tradução simultânea para o árabe corânico<sup>25</sup>, prometendo punir os usurpadores mamelucos. Chegando ao Cairo, Napoleão não mediu esforços para demonstrar ao povo que ele, suas tropas e os seus *asnos* eram “les vrais musulmans”<sup>26</sup>: “seu espírito consolidador”, “sua profunda simpatia e conhecimento do Islã” e sua preocupação em estabelecer conselhos - *divans* - para

<sup>21</sup> A divisão Alto e Baixo Egito tivera sua origem no Antigo Egito, que era dividido territorialmente em dois reinos: o do norte compreendia todo o Delta do Nilo, e o do sul as terras que se localizavam logo abaixo dele e se estendiam até os limites de fronteira ao sul. Entretanto, no texto, os termos são genericamente usados para indicar cidades localizadas, aproximadamente, da metade do Nilo ao sul e ao norte.

<sup>22</sup> SAID, E., *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 41.

<sup>23</sup> Antiga elite de árabes que dominava o país antes de sua anexação ao Império Turco-Otomano.

<sup>24</sup> FAGAN, *The rape of the Nile - Tomb Robbers, Tourists, and Archaeologists in Egypt*, p. 65.

<sup>25</sup> SAID, E., op. cit., p. 89.

<sup>26</sup> Ibid, p. 90.

consultar o povo egípcio, fez com que aos poucos a população e os líderes intelectuais islâmicos fossem perdendo sua desconfiança em relação ao povo intruso. Os franceses foram sendo progressivamente aceitos na medida que os governantes muçulmanos egípcios foram percebendo atos “amistosos” sugeridos pelos orientistas, que o ajudavam a intervir junto à população local. Os *savants* foram escalados para promover esta aproximação, já que além de suas ocupações culturais também estiveram intimamente envolvidos com a administração do país. Eles serviram em comitês e comissões médicas, abordavam a população fazendo-lhes perguntas, pesquisaram sobre as necessidades do povo, e reuniam-se

constantemente entre si e com o próprio general Bonaparte para trocar idéias e lhes transmitir as impressões que guardavam em suas pesquisas.

A aproximação que Napoleão promoveu com os egípcios por intermédio de um saber anteriormente adquirido sobre o país - sua história, seus costumes, e suas tradições -, foi uma de suas maiores armas de dominação. Quando Napoleão foi forçado a abandonar o país, por conta de uma premente invasão otomana e pelas pressões sofridas pelo cerco britânico, o General deixou o comando do exército nas mãos do oficial Jean-Baptiste Kléber, recomendando a continuidade da política de intervenção dos orientistas junto aos líderes religiosos do Islã: qualquer outra política seria cara ou tola demais<sup>27</sup>.

Já nos seus primeiros momentos de funcionamento, o Instituto ficou responsável pela organização de um grandioso projeto, que consistiu na sistematização de todas as informações recolhidas sobre o Egito sob a forma de uma monumental coleção de livros denominada *Description de l’Égypte, ou Recueil des Observations et des Recherches qui ont été faites en Égypte, pendant l’Expédition de l’Armée Française, publié par les ordres de sa Magesté l’Empereur Napoléon le Grand, a Paris de l’Imprimerie Impériale*. A *Description* foi a primeira obra sobre o Egito Antigo de **caráter científico**, ou seja, ao contrário dos relatos de viajantes que já circulavam pelo Egito desde o século XVII, ela foi concebida, organizada e realizada por uma equipe de intelectuais especializados que viajaram pelo Egito

---

<sup>27</sup> SAID, E., *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 91.

munidos de materiais e projetos de pesquisa, financiados com verba oficial, e que possuíam o objetivo definido de ter como resultado a publicação e difusão de todo o conhecimento recolhido durante sua longa empreitada. A *Description* foi a base sobre a qual toda a Egíptologia moderna pode se desenvolver.

Apesar do projeto ser de Napoleão, foi Kléber quem deu a forma de publicação coletiva à *Description*, reunindo e esquematizando todo o material recolhido pelos *savants*. Tão monumental quanto o projeto, a coleção foi composta por dez volumes *in-folio* e duas coletâneas contendo 837 lâminas gravadas em cobre, totalizando três mil ilustrações, das quais cada uma media mais de um metro de comprimento. Os cinco primeiros volumes são dedicados à Antigüidade, os dois seguintes relatam as atividades do país desde o século VII até a ocupação francesa, e os três últimos ilustram a história natural. A suntuosa obra, que causou sensação na cultura européia e nos círculos acadêmicos, contava com o prefácio apologético de Jean-Batiste-Joseph Fourier, verdadeiro cântico das glórias militares e intelectuais de Napoleão. O primeiro volume chegou ao público em 1809, sendo que apenas a metade foi publicada antes da queda de Napoleão, e a conclusão veio somente em 1828 com uma tiragem de mil exemplares. Assim, como afirma Said, o **Egito foi traduzido para o francês moderno**.<sup>28</sup>

O âmbito da Egíptologia foi dominado pela França até mais ou menos 1860, uma vez que, durante tal período outras importantes escolas como a alemã e a inglesa dividiram suas atenções com a exploração do conhecimento sobre outras sociedades antigas, como a Mesopotâmia pela Alemanha, e a Índia por ambas.<sup>29</sup> Porém, foi a Grã-Bretanha e a França que durante o XIX produziram as mais recorrentes representações sobre o Antigo Egito que circularam no meio intelectual e acadêmico europeu. Isso decorre do fato de que, sendo tais países pioneiros na ocupação *Oriente* e vanguardistas nos estudos orientais, disputaram o domínio do território egípcio e fizeram dele sua colônia em períodos históricos distintos.

---

<sup>28</sup> SAID, E., *Cultura e Imperialismo*, p. 163.

<sup>29</sup> Ibid.



A primeira metade do século XIX se caracterizou no campo da Egiptologia como sua época de ouro<sup>30</sup>, pois fora no seu desenrolar que se deu a Redescoberta napoleônica que lançou a base na qual toda a Egiptologia pode se desenvolver, o feito que “(...) de muitos modos, [foi] o próprio modelo de apropriação realmente científica de uma cultura por outra (...)”<sup>31</sup>; a pilhagem da maior parte de antiguidades que abarrotaram museus e coleções particulares na Europa; a popularização da “civilização do Egito antigo” na cultura européia; e a decifração da escrita hieroglífica que fora o grade marco da moderna historiografia do Egito antigo. Mesmo já tendo sido decifrada a escrita neste período, ainda não haviam sido estabelecidos os métodos de pesquisa para esta emergente disciplina, sendo que muito do conhecimento produzido sobre tal “civilização”, na primeira metade do século XIX, se calcava em referências aos documentos produzidos por historiadores da Antigüidade como Heródoto, Plutarco, Diodoro da Sicília, Estrabão, Cícero e/ou trechos e histórias do Antigo e Novo testamentos.

A Egiptologia se desenvolveu vagarosamente até 1850, e, a partir de então ocorreu um incremento nos estudos da língua e conseqüente tradução de importantes textos em egípcio. Na mesma época o egiptólogo Visconde de Rougé formulou os primeiros métodos de trabalho que se aplicavam à textos antigos, e o inglês Alexander Rhind iniciou a prática da ciência da escavação. A constante influência inglesa no país desde a metade do século XIX, e posterior colonização no final do mesmo século “domesticou” aos poucos a população egípcia, tornando assim as excursões culturais ao país cada vez mais viáveis. Antes o Egito antigo era levado à Europa por meio de romances, museus, exposições, obras científicas, contudo, a partir da metade do século oitocentista, a Europa podia ser levada ao Egito. Desta maneira, o Egito, basicamente as cidades do Cairo e de Alexandria, foi tomado por uma grande quantidade de estrangeiros que introduziu no país uma nova classe urbana de estilo e gosto europeizados.

---

<sup>30</sup> Conferir: FAGAN, *The rape of the Nile - Tomb Robbers, Tourists, and Archaeologists in Egypt*.

<sup>31</sup> SAID. E., *Cultura e Imperialismo*, p. 53.

Há aí bastante divertimento para os civilizados. Os teatros da ópera e francês são bons, o hipódromo é grande e também existe um circo de cavalinhos. (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

Os relatos de viagem de Pedro de Alcântara refletem bem claramente os distintos momentos da evolução da Egiptologia, tal qual foram destacados. Os apontamentos de sua primeira viagem, apesar de já estar situada na segunda metade do século XIX, revela uma Egiptologia incipiente, não pelo fato de que havia pouca produção de conhecimento sobre a antiga sociedade, mas porque o conhecimento de Pedro de Alcântara corresponde a fase primordial da Egiptologia da primeira metade do XIX. Sua segunda viagem, possuiu um caráter bem distinto da primeira, pois, além de ter sido previamente organizada, abrangeu toda a extensão do Egito, e revelou a figura de Pedro de Alcântara como um verdadeiro egiptologista, o que prova que no espaço de tempo entre as duas viagens o intelectual estudou a fundo o que vinha se produzindo sobre a história do país, atualizou os seus conhecimentos através dos grandes egiptólogos que conheceu em sua primeira viagem, e até arriscou palpites, com a convicção de uma verdadeira autoridade, em relação a produção de conhecimentos sobre o Egito Antigo.

Antes de prosseguir, vejamos um exemplo do debate intelectual entre Pedro de Alcântara e um dos maiores egiptólogos da época, August Mariette, em relação a existência de um período pré-histórico para o Egito. Pedro de Alcântara realizou sua defesa partindo de observações geológicas acerca do percurso do Rio Nilo. Entretanto, saiu convencido, de que os argumentos contrários as suas convicções faziam muito mais sentido. O que o intelectual jamais poderia imaginar, é que algumas décadas após sua hipótese ficou comprovada, ainda que as pesquisas que se seguiram não tenham guardado nenhum tipo de ligação com as suposição do nosso “egiptólogo”.

O aspecto das margens do Nilo sugere muitas considerações geológicas; julgo que o rio já desembocou no Mediterrâneo em Beni Suef, a oitenta milhas do Cairo. Assim pensava também o Dr. Gaillard que conheci por ocasião da minha primeira viagem e pessoa muito estimada pelo Conde Joubert, que a seu respeito a mim se manifesto com profundo pesar, há alguns dias. Sustentou pertinazmente que esse país existia na idade pré-histórica da pedra; creio, porém que Mariette o combateu com excelentes argumentos. (Diário da segunda viagem - 12/1876).

Nessa última ida ao Egito, Pedro de Alcântara realizou meticulosamente seus apontamentos, levando em conta o que se é possível fazer em uma viagem. Anotou detalhes dos sítios arqueológicos que visitou, traduziu textos escritos em monumentos antigos, e como foi visto, discutiu com autoridade questões referentes à história do Antigo Egito. Segundo o arqueólogo Claudio Prado de Mello, era provável que Pedro de Alcântara desejasse publicar posteriormente seus registros em forma de um artigo, já que se referia ao seu diário como um *jornal*.<sup>32</sup>

Tais viagens foram, como aparecem em seus diários, um dos ápices da realização pessoal do nosso intelectual, pois, possuindo um vasto conhecimento sobre o mundo, ansiava por em prática e vislumbrar tudo aquilo que havia estudado e aprendido até então, já que a instabilidade política em que se encontrou o Brasil após a partida de seu pai para Portugal não o permitira ficar muito tempo longe do comando do país. Pedro de Alcântara só consegue autorização da Câmara para a realização de sua primeira viagem à Europa após ter chegado de Viena a notícia de que sua filha caçula D. Leopoldina Teresa havia falecido, deixando dois filhos, Pedro Augusto e Augusto Leopoldo aos cuidados dos avós. Aproveitando a viagem à Europa, Pedro de Alcântara realizou uma excursão de quinze dias às terras nilóticas, já que a Egiptologia, parece ter sido uma das áreas do conhecimento que mais intrigaram o estudioso.

A primeira viagem, foi restrita apenas as cidades do Baixo Egito - Cairo e Alexandria -, sendo que, a partir do Cairo, Pedro de Alcântara subiu até a cidade de Mênfis<sup>33</sup> onde estão situados importantes sítios arqueológicos que na época de sua estada no país haviam sido recentemente descobertos. Acompanharam o intelectual nesta viagem: D. Teresa Cristina, o Camarista Nogueira da Gama, o Vereador Visconde de Bom Retiro, o médico Barão de Itaúna, a Dama Leonídia dos Anjos Esponsel, duas criadas e sete criados, *in totum*: 15 pessoas.

---

<sup>32</sup> MELLO, C. P., *Viagem ao Alto Nilo - O Egito de D. Pedro II (Roteiro da exposição Itinerante comemorativa dos 170 anos de nascimento do Imperador do Brasil - D. Pedro II 1825-1995)*.

<sup>33</sup> Apesar de Mênfis estar localizada geograficamente abaixo do Cairo, a terminologia “subir e descer” esta relacionada ao fato do rio Nilo possuir sua nascente ao sul do país, desembocando suas águas ao norte, no Mar Mediterrâneo.

Mesmo dispondo de pouco tempo, Pedro de Alcântara participou de sessões no Instituto Egípcio de Alexandria, e no dia 1º de novembro de 1871 foi eleito Membro Honorário do *Institut National d’Egypte*, realizando um discurso de agradecimento e expondo os conhecimentos sobre o Egito que já havia adquirido em seu país: “(...) eu pedi a palavra e agradecendo a minha eleição de sócio, disse algumas palavras para mostrar que conhecia já um pouco o Egito na minha pátria.” (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

Leram-se memórias interessantes, depois percorri um pouco a casa, sobretudo a biblioteca, pequena ainda, e conversei com todos os meus colegas presentes, que eram dezesseis. Pareceram-me quase todos inteligentes e instruídos. (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

Já a segunda viagem de Pedro de Alcântara, pode ser caracterizada como uma verdadeira “expedição” de reconhecimento. Usando como pretexto a saúde da imperatriz para mais uma vez obter do senado a aprovação para a realização de uma viagem internacional, Pedro de Alcântara e sua comitiva partem, sendo que, desta vez, não apenas para a Europa, mas dividindo os quase treze meses de viagem a rodar pelos Estados Unidos, por vários países europeus, incluindo a Rússia, pela Palestina, pela Síria, e pelo Egito. Nesta última, a comitiva excursionou por 27 dias. A viagem pelo Alto Egito foi iniciada no dia 11 de dezembro de 1876, e devido a sua longa estada, Pedro de Alcântara pode com mais calma participar das reuniões do *Institut d’Egypte*, fotografar e ser fotografado, conferir informações publicadas sobre o Egito - completando algumas superficiais ou mesmo corrigindo outras imprecisas e errôneas -, e debater com os mais importantes egiptólogos da história.

Retomando a questão do surgimento da Egiptologia no contexto de emergência do domínio imperial europeu, podemos, resumidamente, dizer que o que se pretende atentar é para a questão do “sentido” em tal situação colonial. Desse modo, a palavra “sentido” tanto pode abarcar a criação da Egiptologia como um novo *saber* referente a possessão colonial, saber este que reforçou a autoridade imperial sobre o país e ajudou a sustentar e legitimar os mecanismos econômicos e políticos impostos pelas metrópoles modernas (Inglaterra e França), como também pode ser compreendido como a tentativa realizada pela intelectualidade europeia de atribuir uma história a uma sociedade anteriormente “sem-história”, inserindo a evidente “grandiosidade do passado do Egito” na linha temporal da “História da

Humanidade”, de forma a ocupar um lugar coerente na memória ocidental. Ambos os “sentidos” atribuídos a importância da criação da Egiptologia como um *saber* “útil” e “necessário” no contexto histórico em que surgiu, guardam íntimos laços que não podem ser dissociados.

Por trás do processo de legitimação colonial vivido pelo Egito, que, como foi visto, deu-se pela recuperação, através da história, da grandiosidade de uma antiga sociedade a muito esquecida, se encontrava o total desprezo pela condução do país no século XIX pelos turcos otomanos aliados a uma elite aristocrática mameluca. O passado do Egito, segundo os ideólogos imperialistas, não correspondia à terrível realidade enfrentada pelo país dominado por muçulmanos há mais de dez séculos: “este país que transmitiu o seu conhecimento a tantas nações, está hoje imerso na barbárie”<sup>34</sup>, como preconizava Jean-Baptiste-Joseph Fourier, secretário do *Institut National d’ Egypte*:

Situado entre a África e a Ásia, e comunicando-se facilmente com a Europa, o Egito ocupa o centro do antigo continente. Este país apresenta apenas grandes memórias; é a pátria das artes e conserva inúmeros monumentos; seus principais templos e os palácios habitados pelos seus reis ainda existem, mesmo que os seus edifícios menos antigos tenham sido construídos na época da Guerra de Tróia. Homero, Licurgo, Sólon, Pitágoras e Platão foram todos ao Egito para estudar as ciências, a religião e as leis. Alexandre fundou lá uma opulenta cidade, que por muito tempo gozou de supremacia comercial, e que testemunhou Pompeu, César, Marco Antônio e Augusto decidindo o destino de Roma e de todo o mundo. É, portanto, apropriado que este país atraia a atenção de príncipes ilustres que governam o destino das nações. (...) Nenhum poder considerável foi jamais acumulado por nação alguma, no Ocidente ou na Ásia, sem ter também voltado essa nação para o Egito, que em certa medida era visto como um quinhão natural.<sup>35</sup>

O trecho anterior, além de reforçar o que foi dito até então, evidencia - a criação de uma nova memória de ligação entre *presente e passado*, como se fosse possível extirpar os mais de mil anos da história muçulmana no Egito - e aponta para os interesses das nações imperialistas nas potencialidades naturais e humanas existentes no país. Segundo um relatório do historiador oficial da Campanha

<sup>34</sup> Trecho preferido por Jean-Baptist-Joseph Fourier, apud SAID. E., *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 94.

<sup>35</sup> *Ibid*, p. 93.

Britânica de 1801, Sir Robert Wilson, a terra do Egito foi por ele vista como sendo “(...) o empório natural das riquezas de três-quartos do mundo e, em seu próprio solo, podia rivalizar com a América”<sup>36</sup>. Como foi dito, o potencial econômico não se reduzia apenas a uma terra arável rica, sendo complementado, também, pela disposição de mão-de-obra “farta”, “passiva”, “barata” e “trabalhadora”, o que fazia do Egito um campo fértil para o estabelecimento de empresas dispostas a investir alto na região. Isso sem contar com o fato do país ocupar uma posição-chave na configuração do comércio mundial, e uma posição militar estratégica, já que está localizado na porta de entrada do Oriente Médio. Uma das melhores definições para este contexto, foi retirada do próprio diário de viagem de Pedro de Alcântara, ao se referir planos políticos que a Europa parecia ter destinado ao país.

Farei quando puder algumas considerações sobre o Egito tomando por tema estas palavras de Ampère em 1846 na introdução de seu belo livro a respeito dessa região. ‘L’Egypte intéresse encore dans le présent et dans l’avenir; dans le présent par l’agonie de son douloureux enfantement; dans l’avenir par les destinées que l’Europe lui prépare quand elle l’aura prise, ce qui ne peut tarder.’ (Diário da primeira viagem - 13/11/1871).

Desembarcamos na margem direita acima do lugar de embarque de manhã, por que deixaram uma ponte passagem estreita demais e a corrente do rio era forte. Assim, é quase tudo no Egito, que engatinha na estrada da civilização! (Diário da primeira viagem - 7/11/1871).

Edward Said em “Cultura e Imperialismo”, e Eric Hobsbawm e Terence Ranger em “A invenção das tradições” concordam que a elaboração de narrativas político-culturais são indissociadas de uma série de representações e materializações de imagens produzidas por tais discursos, de modo a corresponderem aos anseios dos atores políticos de um determinado contexto histórico. Logo, na “fabricação” de rituais, cerimônias e tradições **o passado, o presente e o futuro** são moldados e seguem uma determinada orientação ditada por uma situação histórica concreta. Isto se dá devido à possibilidade dos indivíduos e instituições escolherem tradições, emoldurando-as a um presente no qual se fazem

---

<sup>36</sup> Trecho preferido por Jean-Baptist-Joseph Fourier, apud SAID. E., *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 95.

pertinentes. Sendo assim, o passado pode ser construído de forma a atribuir sentido ao presente.

Pode-se constatar tal argumentação observando a maneira pela qual a intelectualidade européia, durante os séculos XVIII e XIX, orientou suas pesquisas e seus trabalhos de modo a destacar e privilegiar experiências históricas notáveis constitutivas do passado ocidental construindo, assim, uma genealogia útil e exemplar que buscou demonstrar de maneira pertinente o destaque do *Ocidente* perante os demais continentes do mundo. É isso que Said denomina “imagens puras do passado”<sup>37</sup> - e até expurgadas -, ou seja, imagens eleitas e incorporadas por um povo que validam suas experiências presentes, excluindo e mascarando narrativas indesejáveis que façam algum tipo de menção a um passado que ponha em xeque um presente a ser afirmado. Um desses exemplos é fornecido por Martin Bernal<sup>38</sup>, que em seu livro *Black Athena* aponta para o fato de que filólogos e historiadores oitocentistas, em suas produções intelectuais, mascaravam o dado de que a civilização grega tinha raízes nas culturas egípcia, semita e em várias outras orientais e meridionais, de modo a parecer que ela fora moldada essencialmente como uma cultura “ariana”, ocultando e eliminando suas raízes africanas ou asiáticas.

A preservação do patrimônio histórico do antigo Egito se torna fundamental para a criação de uma memória que o ligue geneticamente à tradição ocidental. No dia 13 de janeiro de 1877, estando indignado diante do abandono dos monumentos do Egito, Pedro de Alcântara, em torno de vários membros reunidos no Instituto Egípcio de Alexandria, denunciou o crime de lesa-ciência e lesa-beleza do patrimônio do país. A sua comunicação foi registrada no livro de ouro da entidade, sob o título de *vandalismo dos viajantes*, e algumas de suas denúncias contribuíram para que fossem tomadas medidas por autoridades competentes. Esta construção de um valor histórico-cultural para o povo do antigo Egito, nada teve haver com o valor atribuído pelos povos muçulmanos que habitavam o país, pois para estes, o Egito

---

<sup>37</sup> SAID, E., *Cultura e Imperialismo*, p. 46.

<sup>38</sup> Ibid, p. 47.

dos Faraós representou um período de adoração a vários deuses pagãos, muito anterior a revelação maometana.

Tanto em Denderah como em Abydos são flagrantes os vestígios de incrível vandalismo. O Khediva bem poderia gastar uma parte da soma, que prodigaliza com os seus palácios, na conservação desses monumentos, tão interessantes para o estudo do Alto Egito. (Diário da segunda viagem, 17/12/1876).

Acho Alexandria muito adiantada, e se o Khediva tivesse ‘gastado’ menos com as construções de palácios e outras superfluidades, maior número de melhoramentos teria eu observado depois de cinco para seis anos de ausência. O Khediva é inteligente e amigo do progresso; porém aproveita demais os gozos do Oriente... (Cartas à Condessa de Barral, 16/01/1877).<sup>39</sup>

Desta forma, os egípcios muçulmanos modernos foram encarados como um povo desprovido de racionalidade, ocupando na escala dos valores europeus uma posição inferior e antagônica aos valores que caracterizam o perfil do homem europeu, passíveis de serem extirpados da história do Egito. O equilíbrio, a sobriedade, a rapidez e lucidez de raciocínio, se contrapunham a desmedida *personalidade oriental* caracterizada por um sentimentalismo exagerado, incapacidade de raciocínio lógico, infantilidade e dissimulação de atitudes. Assim, perante o olhar do colonizador, os árabes egípcios eram incapazes de produzir conhecimentos sobre si próprios, que fossem suficientes para reconhecer e indicar suas fragilidades e necessidades de progresso. As grandes potências europeias é que realmente sabiam o que deveria ser bom para eles, mais do que os próprios.

A autoridade europeia funcionava como um tipo de autoridade paternal: já que, a Europa se encontrava na “fase madura da humanidade” seus representantes eram capazes de observar a “infância dos países não-civilizados” e opinar e intervir no seu desenvolvimento, pois uma vez já tendo cumprido o nível de evolução no qual se encontravam as suas colônias sentiam-se capacitados para indicar um caminho mais “rápido” e “seguro” rumo à sua evolução, como de forma “brilhante” definiu o militar britânico James Balfort: “O europeu é um lógico

---

<sup>39</sup> MELLO, C. P., Viagem ao Alto Nilo - O Egito de D. Pedro II (Roteiro da exposição Itinerante comemorativa dos 170 anos de nascimento do Imperador do Brasil - D. Pedro II 1825-1995).



natural, mesmo que não tenha estudado lógica; é por natureza cético e requer provas antes de aceitar a verdade de qualquer proposição; sua inteligência treinada trabalha como a peça de um mecanismo. A mente do oriental, por outro lado, assim como suas pitorescas ruas, é eminentemente carente de simetria. (...) São [os orientais] muitas vezes incapazes de tirar as conclusões mais óbvias de qualquer simples premissa cuja verdade possam admitir.<sup>40</sup>

Apesar de tudo esse Bey (referindo-se a um intelectual egípcio) pareceu-me inteligente e Brugsch diz que é honrado, cousa rara no Egito (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

Na leitura escrita e observação do Carão, por maometanos de diferentes regiões, que deitados, assentados no chão ou de cócoras e separados, conforme nações ou tribos, desconfio que antes durmam ou cochilem do que estudem. (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

O poeta árabe mandou-me os versos com a tradução - poucas frases contendo pensamento muitíssimo banais. Outro escritor árabe já me tinha lido versos publicados no seu diário a respeito de minha ida ao Egito e reconheci que não eram senão palavras rimando de enfiada, o que, segundo ouvi a Brugsch é mesmo a poesia árabe que não tem metrificação. Valha-me o pensamento. (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

Este povo parece-me uma nova espécie cínica em todo o sentido. (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

Um elemento muito importante que ajudou os intelectuais modernos a conferir o peso que o passado do Egito deveria possuir na “História da Humanidade” foi a sua consagração atribuída pelos gloriosos poetas e historiadores greco-romanos da Antiguidade, que unidos pela “tradição intelectual que os ligava aos pensadores da modernidade”, possuíam a autoridade necessária para atribuir o verdadeiro peso de tal “civilização” na narrativa moderna ocidental. O legado material deixado pelos sábios do mundo clássico permaneceu por muitas décadas

---

<sup>40</sup> O trecho acima constituiu parte de um discurso preferido pelo já citado, político e militar inglês Sir Arthur James Balfour que perante a Câmara dos Comuns, no ano de 1910, defendeu o incentivo e a continuidade do colonialismo inglês no Egito, já que vários políticos preferiam a retirada das tropas britânicas do país frente aos problemas enfrentados pelo movimento pró-nacionalismo egípcio. Apud SAID, E., *O Oriente como invenção do Ocidente*, p. 43.

como um importante referencial no estudo da Antigo Egito, mesmo quando a Egiptologia já contava um corpo bem sistematizado de conhecimento.

O Egito, diz Heródoto, é um presente do Nilo, que vejo carregar turvas águas sedimentos vivificadoras da vegetação, adorno das margens. (Diário da segunda viagem - 12/12/1876)

Estive em Heliópolis (*Um dos egípcios e da bíblia*) Matarieh dos árabes que examinei o obelisco de Ositarsen 1º anterior a Moisés e um dos dois que precediam ladeando-a a porta do templo, cujos sacerdotes foram mestres de Platão e do Eudoxus. (...) O obelisco está a 15 pés enterrado na areia, mas assim mesmo honra os séculos de Moisés e de Platão (Diário da primeira viagem - 6/11/1871).

Outras fontes de grande referência foram o Antigo e o Novo Testamentos. A relevância do antigo Egito se ligava, neste caso, ao fato de ter sediado acontecimentos cruciais que compuseram tanto a tradição judaica como a tradição cristã. Os diários de viagem do nosso intelectual também estão repletos de referências à Bíblia, principalmente as que se remetem ao êxodo do povo Hebreu. Além da história do Egito povoar o imaginário religioso-cultural de toda a tradição proveniente do cristianismo e do judaísmo, Pedro de Alcântara foi um grande estudioso da Bíblia e da cultura judaica como um todo (os arquivos do Museu Imperial de Petrópolis estão repletos de documentos de estudos por ele realizados, sobre exegeses bíblicas e sobre a língua hebraica), e, em sua segunda viagem, a Palestina foi o último país visitado por Pedro de Alcântara antes da chegada ao Egito. Desta forma, a História do Antigo Egito se liga à História do Ocidente através de valores afetivos e sentimentais.

A vista à casa de Brugsch foi interessantíssima por causa de manuscritos Coptas, e pelo seu belo mapa do Egito antigo que ele mostrou-me. À vista desse mapa procurou ele convencer-me de que os Hebreus saíram de Thamis (sane) e fugiram do exército ao atravessar a estreita restinga. Um monumento perto de Thamis diz que fora construído pelos Habraiu. Apesar da opinião de Brugsch ainda penso que os Hebreus passaram para a Ásia junto ao Suez. (Diário da primeira viagem 10/11/1871).

Subi o Nilo até Mênfis passando por Tamó à margem esquerda, onde dizem que Moisés foi lançado no Nilo (...). (Diário da primeira viagem - 7/11/1871).

Antes de aí ter ido [referindo-se as ruínas de um templo na cidade de Heliópolis] colhi folhas de um belo sicômoro que chamavam a árvore da Virgem, por ser de tradição que a sua sombra descansara N. Sra. na fugida para o Egito. (Diário da primeira viagem - 6/11/1871).

Para finalizar esta análise, gostaria de apontar como os determinismos do meio e da raça estiveram presentes nas interpretações dos cientistas oitocentistas sobre os povos que habitaram e habitavam o Egito. Em relação a “Civilização do Antigo Egito”, a preocupação com a raça se voltou para estudos realizados em múmias, através de interpretações de documentos e tentativas de se chegar a uma possível determinação radiológica deste povo. O físico italiano, também estudante da língua copta Augustus Bozzi, pode ser tomado como exemplo, já que no ano de 1825 realizou vários estudos em uma múmia na sua própria casa, concluindo a partir de sua análise, que antigo povo deveria ter pertencido a raça Caucasiana<sup>41</sup>. Uma outra possível interpretação partiu da observação do próprio Pedro de Alcântara:

Os baixos-relevos pintados mais curiosos são os grupos, que se reproduzem, de quatro imagens cada um, representando as quatro raças mais conhecidas: os egípcios, semitas, negros e brancos, com a pele, fisionomia e trajos característicos. (Diário da segunda viagem - 22/12/1876).

É importante atentar, principalmente no diário da primeira viagem, que muitas são as referências que sugerem ou explicitam a relação entre árabes egípcios e os índios e negros brasileiros, no que diz respeito tanto às suas habilidades naturais quanto à manifestação de seus costumes. Isto porque estas sociedades, segundo a ideologia evolucionista, ocupavam o patamar evolutivo que transitava entre a selvageria e a barbárie, já que se caracterizavam por uma vida mais integrada e adaptada ao meio ambiente, quase com ele mimetizada, portanto praticamente desprovida de uma racionalidade que os permitisse acessar as capacidades necessárias para. Reforço da racionalização tentativa de estabelecer uma linearidade.

---

<sup>41</sup> Jonh David Wortham, *British Egyptology 1549 - 1906* (Devon, David & Charles: Newton Abbot,, p. 93.

(...) e os árabes dançaram lembrando-me pelos movimentos e toada do canto a dança dos botocudos do Rio Doce. (Diário da primeira viagem - 4/11/1871).

Todos os árabes nadam como peixes e Marriete contou-me que havia ainda um velho no Alto Egito que servira ao Murad-Bey contra Bonaparte, o qual é célebre como nadador e vive a pescar. (Diário da primeira viagem - 7/11/1871).

(...) havia umas poucas mulheres, que trajando vestidos, que deixavam ver-lhes a camisa na cintura, tremiam como chocalhos, ora requebrando-se sem graça, ora pondo-se de cócoras para logo se levantarem, - e isto ainda era bom - ao som de instrumentos iguais aos dos negros boçais. (Diário da primeira viagem - 10/11/1871).

O meio ambiente exuberante, já enaltecido pelo historiador Heródoto que considerou o país como sendo “a dádiva do Nilo”, além de revelar um enorme campo de possibilidades depredatórias, como já foi apontado, parecia aos olhos da intelectualidade europeia naturalmente conter em si um destino prescrito à grandeza, cuja riqueza natural se revelava como um indicador de suas possibilidades intrínsecas. Era como se o país se encontrasse a espera do *Ocidente* para libertá-lo da barbárie do *Oriente*. Encerro o trabalho com o trecho em que Pedro de Alcântara finaliza o diário de sua última viagem:

A aurora - não aos dedos de rosa - mas a coroa de todas as pedras preciosas, vem me dar seus adeuses nas bordas do Nilo (...). O Nilo merece também uma saudação e eu transcreverei algumas passagens do hino feito a época da XII Dinastia: “O tu, que vens em paz para dar vida ao Egito! Irrigador das hortas que criou o sol... Estrada do céu que desce... Repouso dos dedos é seu trabalho para os milhões de infelizes... Ele faz da coragem um escudo (para os infelizes)... Tu tens alegrado as gerações de teus filhos, te rendem homenagem no Sul, teus decretos são instáveis quando eles se manifestam diante dos servidores do Norte. Ele bebe os prantos de todos os olhos e é pródigo na abundância de seus bens”. (Diário da segunda viagem - 6/01/1877).

Pedro de Alcântara reverência, assim, uma terra que possibilitou a grandiosidade de um “civilização” que dominou toda uma era passada, de tal sorte que seus feitos não se apagaram da memória do Ocidente. A justificativa para tal grandiosidade, a princípio, não estava na raça de seu povo antigo - a não ser que ficasse comprovado serem os “filhos de Rá” arianos - e nem pelas suas formas de culto pagão contrário às religiões racionais do Ocidente. O que possibilitou a riqueza da mais cobiçada “civilização antiga” foi a exuberância de sua natureza.

Sendo a história fonte inquestionável de respostas para a vida, não estaria o Brasil fadado a ser o grande Egito do novo século?